

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: REAÇÕES E MUDANÇAS PSICOLÓGICAS NA VIDA DAS ADOLESCENTES

Fernanda Salgado Alves¹
Pollyana Brandão Gomes²
polly.matipo@gmail.com

Área do conhecimento: Ciências Humanas

RESUMO

Este artigo teve como objetivo estudar através de pesquisas já realizadas as condições de apoio e estruturação familiar em que grávidas adolescentes vivem nos dias atuais. A pesquisa utilizou o método de observação concomitante a uma entrevista semiestruturada aplicada a psicóloga responsável pelos atendimentos dos centros de apoio da cidade de Raul Soares em Minas Gerais. De acordo com observações realizadas, pode-se perceber que maior parte das adolescentes grávidas observadas no PSFI e PSFII, possuem nível financeiro compatível com a classe baixa e que grande parte moram somente com as mães. Foi possível verificar, por meio da análise minuciosa dos resultados que em alguns casos as adolescentes ficam grávidas dos próprios padrastos e nesses casos o atendimento é prioritário a elas.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes; Gravidez; Conflitos.

1. INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência é uma temática cujo enfoque percorre anos de estudo e observação. Para estudiosos a adolescência por si só já institui uma fase de mudanças e adaptações para o adolescente, que passa por transformações que excedem sua capacidade de compreender o momento de forma exitosa (MENEZES, 1993).

O nascer de um filho proveniente de uma gravidez que não foi planejada é um assunto que garante estudos tanto na área da psicologia quanto no da enfermagem e medicina, especialmente por suas intercorrências em outros fatores da vida social como pobreza, moradia, vícios, depressão e etc. Tornar-se pai ou mãe de uma

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Univertix.

² Psicóloga (UNEC), especialista em Educação Especial, Saúde Mental, Docência do Ensino Superior, Psicanálise (FACEC, UCAM, UNIVÉRTIX, FAVENI), Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local (EMESCAM) e professora do Curso de Psicologia Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

criança na fase da adolescência não requer somente um ato de escolha e sim fatores financeiros, sociais, afetivos e de maturação psicológica, onde se espera responsabilidade e coerência com a situação diante de um recém-nascido (DADORIAN, 1998).

Embora saibamos que há uma gama gigantesca de informações sobre maneiras de se prevenir a gravidez na fase da adolescência, essa realidade ainda atinge milhares de meninas pelo Brasil e pelo mundo. Isso nos faz perceber que a gravidez nem sempre estará aliada à falta de informação sobre a temática, mas também pode ser consequência da imprudência, acidente com o uso de métodos contraceptivos ou até mesmo vontade própria do casal (MENEZES, 1993).

Este artigo teve como objetivo estudar através de pesquisas já realizadas as condições de apoio e estruturação familiar em que grávidas adolescentes vivem nos dias atuais.

Trabalhos como estes são importantes para compreender as condições de vida de adolescentes que engravidam durante esse período, além de compreender as mudanças psicológicas, financeiras e afetivas que um bebê pode gerar em uma família.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No ramo da psicanálise a questão do feminino está intimamente relacionada e ligada com a maternidade, com o ato ser mãe e a responsabilidade de trazer ao mundo uma criança. Para comprovar isso, Freud (1905) mostra que é na adolescência que as meninas completam o processo de estruturação da feminilidade e sexualidade, através da capacidade do jovem de engravidar, processo esse que se inicia na mais remota infância, quando eles ainda não possuem noção do significado de tal ato. Esse momento é bastante importante para a espécie e fruto de muitas angústias para o jovem, uma vez que para serem bem-sucedidas tem que cumprir o papel da mulher de perpetuar a espécie.

No caso específico das moças, existe uma sugestão de que através da vontade de ser mãe essa, que antes era apenas conhecida como uma adolescente passará a ser reconhecida como mulher. Freud complementa que a feminilidade da mulher é de fato completa quando a mesma se expõe a maternidade, quando

cumprir socialmente um papel que a sociedade a dispõe a cumprir, sendo a maternidade destinada às mulheres, uma vez que apenas elas podem trazer ao mundo outro ser humano a este mundo. O filho passa a ser uma extensão de seu corpo e parte integrante de sua formação (Freud, 1931).

Segundo Lopes e Maia (2001) em certas ocasiões, a adolescente mantém ou inicia as relações sexuais sem as devidas precauções pelo fato de estar envolvida afetivamente com seu parceiro e temer pela não aceitação do mesmo frente a métodos contraceptivos. Geralmente a iniciação na vida sexual, ainda que, com pouca idade é carregada de expectativas, gerando nos jovens um receio quanto à preocupação com a contracepção adequada.

A maioria das adolescentes vivencia essa trajetória do desenvolvimento psicossocial de maneira insatisfatória com as pressões sociais e a necessidade de desempenho, o que se constitui em fonte de ansiedade, angústia, medo e culpa. (LOPES, MAIA 2001, p.11).

Abramovay, Castro e Silva (2004), reforçam que um dos pontos que comumente se discute em relação às atitudes de prevenção e contracepção diz respeito ao grau de instrução e aprendizado sobre as relações sexuais, sobre as formas de se precaver, pois se observa que não faltam oportunidades de conhecimento sobre o assunto, e sim responsabilidade com a temática uma vez que o conhecimento de métodos anticoncepcionais entre os adolescentes e jovens brasileiros é acessível a maioria desde 1986.

Um conjunto de estudiosos formados por Chalem, *et al.*, (2006), pertencentes ao Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo realizou uma pesquisa que abordou o perfil sócio demográfico e comportamental de uma determinada população da periferia de São Paulo. No total, foram entrevistadas um grupo de 1.000 adolescentes, grávidas. O estudo foi realizado entre julho de 2001 e novembro de 2002. O estudo constatou que 7% das adolescentes deram entrada no hospital para procedimentos de curetagem após entrarem em processo de aborto, independente da espontaneidade ou não. Os outros 93% deram entrada para parturição. As participantes apresentavam idade de 15 a 17 anos de idade. Os dados indicaram ainda que somente 23% das adolescentes utilizavam algum método contraceptivo e que 81,2% não tinham a gravidez como parte do planejamento de vida naquele momento. Os estudiosos concluíram que a gravidez

na adolescência constitui um fenômeno complexo, carente de estudos e análises e que esse ramo necessita de investimentos em políticas públicas de prevenção, apoio e suporte as adolescentes.

Em outro estudo de semelhante importância, a autora Oliveira (2008), realizou uma pesquisa qualitativa que foi desenvolvida com um grupo de adolescentes carentes na cidade de São Paulo. Nesse grupo, todas as adolescentes trabalhavam antes da situação de gravidez.

Foram analisados os dados sobre a relação das jovens com o local de trabalho: ausências para comparecimento em pré-natais, indisposições esporádicas para o trabalho e apresentação de atestados para justificação de faltas. No estudo a autora abordou também a relação com a família e como ocorre a aceitação ou não dos parentes próximos da adolescente. Além desses dois ramos foi verificada a situação escolar das jovens e qual a incidência de adolescentes que abandonam os estudos por motivos de gravidez (OLIVEIRA, 2003).

A pesquisa acompanhou um grupo de 13 adolescentes grávidas e apontou que as mesmas, embora, enfrentem inúmeras dificuldades relacionadas à demissão, abandono de parceiros e abandono escolar, ainda assim elas encontram na família, principalmente as mães, o suporte e amparo necessários para seguir com a gravidez. A pesquisa apontou um processo de ressignificação em relação às experiências individuais das adolescentes, cabendo a elas protagonizarem suas histórias após o nascimento de uma criança, que agora passou a ser sua responsabilidade (OLIVEIRA, 2003).

Um estudo elaborado por Tabora *et al.*, (2014) realizou uma pesquisa com 20 adolescentes grávidas e que deram à luz entre junho de 2009 e junho de 2010, com o objetivo de identificar e analisar as consequências de uma gravidez para as adolescentes, levando em consideração diferentes realidades socioeconômicas. Foi utilizado como método de pesquisa do estudo uma entrevista semiestruturada, sendo essa, devidamente analisada. No estudo verificou-se que embora as famílias de menor renda tenham apresentado uma melhor receptividade com a notícia da gravidez, é nessas famílias que se pode perceber maiores índices de abandono escolar e maior dependência da grávida em relação a finanças, tanto no que tange

os custos com a gravidez quanto responsabilidades financeiras posteriores com a criança.

O ramo da psicologia possui um elo entre humanas, saúde e social. Nos últimos tempos a área da saúde a trouxe para perto da sociedade para que pudesse atingir um público maior, que carece mais desse tipo de serviço. Embora seja identificada em menor número hoje a gravidez na adolescência existe e muitas vezes devido à pouca idade dos pais da criança essa gravidez necessita de um respaldo psicológico, de um profissional que direcione as ações dos jovens para que os mesmos não optem pelo aborto.

A adolescente grávida, principalmente a solteira e não planejada, precisa encarar sua gravidez a partir do valor da vida que nela habita, precisa sentir segurança e apoio necessários para seu conforto afetivo, precisa dispor bastante de um diálogo esclarecedor e, finalmente, da presença constante de amor e solidariedade que a ajude nos altos e baixos emocionais, comuns na gravidez, até o nascimento de seu bebê. (BALLONE, 2003. p. 3)

Com isso, existe a real necessidade que se compreenda a gravidez como um momento importante para a adolescente, momento esse em que ela pode amadurecer junto com seu parceiro, ou ainda que sozinha. É possível que o nascimento de uma criança permita aos jovens pais um maior entendimento e compreensão em relação à família e as vivências em geral.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

O trabalho é uma pesquisa de abordagem qualitativa, sendo assim os dados e respostas serão obtidos de uma entrevista estruturada. Existem diversas possibilidades que podem ser utilizadas durante uma investigação qualitativa. Utilizaremos a entrevista, que podemos apontar como “uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado que tem o objetivo de extrair determinada informação do entrevistado” (MOSER, KALTON, 1971).

O método de entrevista possui vantagens se comparada a outras técnicas utilizadas por pesquisadores. Ela pode ser adaptada de acordo com as necessidades e intenções do entrevistador, ou seja, o entrevistador tem maiores

possibilidades de explorar as respostas sanando cada vez mais as dúvidas inerentes de seu trabalho (JUDITH, 2010).

Lüdke e André (1986) apontam que a pesquisa qualitativa deixa como sugestão o contato direto de quem está pesquisando com aqueles que serão os pesquisados e com toda a problemática que envolve a pesquisa e a investigação a qual que se quer obter resultados. Com isso, ao se abordar o método qualitativo, é importante se ater aos objetivos e singularidades da pesquisa feita a fim de que não se perca o foco principal, uma vez que as respostas tendem a ser mais descritivas e detalhistas. Pode-se verificar então que os resultados obtidos com a entrevista constituem um rico material que descreve com riqueza de detalhes situações, acontecimentos, fatos, lugares e demais vivências que permeiam uma pesquisa desse tipo.

Através da entrevista é possível compreender e explorar através de resposta o que de fato acontece durante a pesquisa. O contato do olhar, os gestos, das palavras bem colocadas permitem ao entrevistado ficar mais à vontade para esclarecer suas respostas.

3.2 Técnica de Coleta de Dados

Os dados foram coletados através de 2 encontros, realizados no período de setembro. Para a realização da pesquisa qualitativa foi efetuada o método da observação de campo, além da aplicação de uma entrevista semiestruturada a psicóloga do serviço, a entrevista encontra-se em anexo.

Segundo Bechker (1972), a observação é uma alternativa que vem de encontro aos estudos de fenômenos denominados complexos, que exigem uma análise mais apurada, não propiciando apenas uma quantificação de dados, pois segundo ele, carece do olhar minucioso de quem analisa as informações. Podendo-se inferir sempre que necessário for.

Tjora (2006) caminha em concordância com o autor anterior quando cita que, entrevistas e observação são técnicas e metodologias interativas, uma vez que as duas, quando bem conectadas permitem que os dados sejam retratados de forma verídica. Segundo ele a entrevista direciona o pesquisador a observação, na

tentativa de complementar e reafirmar as respostas da entrevista, coletadas anteriormente, posteriormente ou vice-versa.

A entrevista contribui de forma significativa na aquisição de informações, mas para isso, ela precisa ser vista e tratada como método de interação e diálogo, chegando o mais próximo possível de uma conversa informal na busca de novos dados e levantamentos.

Nessa vertente Medina defende que:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir a pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou em outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 1986, p. 08).

Com isso, podemos compreender a amplitude da entrevista como instrumento de coleta de dados e informações a fim de enriquecer um trabalho científico. A subjetividade no ato de entrevistar deve ser sanada pelas descrições do entrevistador, respeitando sua linha de pesquisa com o intuito de não colher informações que comprometam a realidade e a fidedignidade dos fatos. Pelos fatos e narrativas que percebemos, podemos dizer que:

A comunicação, o dizer-se da palavra, não transporta o único e o comum, mas cria o múltiplo e o diferente. a palavra, que é, que dura, que se mantém sempre a mesma, se multiplica e se pluraliza porque, cada vez, algo singular, porque o dizer-se da palavra é, cada vez, um acontecimento único (LARROSA, 2001, p. 291).

Sendo assim, Medina (1986) e Larrosa (2001) defendem que a entrevista é um canal de amplo significado e cabe ao entrevistador delinear e dirigir o entrevistado pelo caminho que corresponde a coleta dos dados.

3.3 Descrição dos Dados

O artigo de estágio foi constituído através de um estudo científico realizado por meio de pesquisa em bases de dados Online, como SciELO, Google acadêmico, PepsiCo.

A coleta de dados será transcrita em forma de relatório que visa descrever as observações feitas durante o período do estágio, além de fazer a descrição da entrevista realizada com a psicóloga do serviço.

3.4 Local da Pesquisa e sujeitos envolvidos

A pesquisa foi realizada nos PSF's I e II localizados na cidade de Raul Soares. Os dois centros funcionam no mesmo prédio, possuindo uma portaria e um balcão de atendimento destinado a cada público. O PSF I atende os moradores do Bom Jesus e Vila Parente e o PSF II atende aos moradores do Bairro Morro das Pedras e Belchior.

No total são atendidas 1.024 famílias, considerando a área rural dos bairros. Cada PSF possui 1 médico clínico geral, 1 enfermeira, 12 agentes de saúde, 2 aplicadores de vacinas, 2 técnicos de enfermagem, além de 2 auxiliares de serviços gerais. O PSF atende nos horários de 7h às 16h de segunda a sexta-feira, na Rua Bom Jesus, S/N, Bairro Bom Jesus.

Os sujeitos envolvidos na ação foram alguns usuários do serviço público de saúde que utilizavam a modalidade de terapias de grupos como recurso de tratamento e os funcionários do serviço. A atuação das UBS - PSF (Unidades Básicas de Saúde – Programa Saúde da Família) é resultado de uma parceria dos governos federal, estadual e municipal para operacionalizar com maior eficiência a rede de saúde pública no Brasil. O objetivo primordial é oferecer atendimento especializado em postos de saúde instalados nos bairros, de modo a facilitar o acesso da população aos serviços e descongestionar o fluxo de pacientes nos grandes hospitais.

4. CATEGORIAS EMERGENTES DE COLETAS DE DADOS.

As informações prestadas pela psicóloga foram baseadas em atendimentos a adolescentes grávidas feitos no PSF I e PSF II de Raul Soares. O nome das adolescentes em nenhum momento foi citado na tentativa de preservar a identidade, a integridade e as particularidades de cada uma.

Os dados evidenciaram que nem todas as grávidas adolescentes procuram por atendimento. Os casos considerados de risco para a criança e para a mãe são direcionados ao setor de atendimento psicológico, sendo esses, os casos de abuso sexual, extrema vulnerabilidade social, abandono dos pais, uso ou tráfico de drogas, uso ou abuso de álcool. Segundo a psicóloga:

“de 10 adolescentes grávidas que recebem atendimento nos PSF’s, uma média de 2 ou 3 são encaminhadas ao atendimento psicológico”.

O perfil mais evidenciado pela entrevista inclui o fato de as adolescentes terem de 14 a 17 anos, serem de classe baixa, estudam em escolas públicas e muitas delas moram ou somente com a mãe ou quando há uma presença masculina essa é preenchida por um padrasto. Segundo a psicóloga:

“quase todos os atendimentos são compostos por meninas em situação de vulnerabilidade social e são atendidas por programas sociais, disponibilizados pela assistência social”.

Nessa perspectiva, percebe-se a necessidade de um atendimento específico as adolescentes, uma vez que as necessidades, conflitos e vivências das mesmas diferenciam-se de uma mulher adulta, para isso, devem ser pensadas e executadas propostas que minimizem situações de conflitos e sofrimentos em relação à gravidez precoce, permitindo que as jovens tenham apoio familiar, financeiro, psicológico e aconselhamento adequado. São "possíveis ações educativas dentro das unidades de saúde, desde que não reproduzam o discurso moral e inibidor contrário à educação libertadora" (BARROS, 2002).

Com isso, o autor defende que não se pode acompanhar a jovem só no quesito gravidez, mas sim, em todos os aspectos que são influenciados pela gravidez, que muitas vezes é inesperada e sem um planejamento adequado.

Sobre as situações das quais as jovens mais se queixam, a profissional esclareceu que:

“em praticamente todos os casos existe a iminência do aborto. As jovens se sentem abandonadas pelos parceiros após informá-los sobre a gravidez e que isso gera uma insegurança em relação ao futuro da criança e para a própria mãe. Há ainda os casos de abuso sexual, em que a gravidez é proveniente de alguém muito próximo à família o que dificulta ainda mais o processo de atendimento, uma vez que as jovens relatam que nem sempre as mães compreendem o abuso e acabam responsabilizando as filhas e não o abusador”.

Sobre o acompanhamento durante os atendimentos a psicóloga informou que no primeiro momento ela permite a entrada de alguém da família até mesmo para auxiliar na prestação de informações, no entanto, depois desse momento todos os atendimentos são individuais, ainda que sejam destinados a mais de uma pessoa. Normalmente as mães acompanham as filhas e em raros os casos o pai da criança.

Segundo a profissional as adolescentes passam por muitos conflitos internos que já são típicos da idade, isso tudo, aliado a uma gravidez, que na adolescência é quase sempre sem um planejamento prévio gera um tumulto tanto na vida escolar, financeira, social e afetiva.

“As adolescentes não têm maturidade psicológica para administrar uma gravidez. Deveriam estar saindo com os amigos, conhecendo pessoas, frequentando festas, o que é considerado mais normal para a idade.”

O aborto torna-se o primeiro pensamento quando se tem a notícia de uma gravidez proveniente de abuso sexual. O próprio conflito do abuso já é uma situação delicada, com isso, a profissional esclarece que:

“no primeiro momento, especificamente em casos de abuso, um dos principais problemas identificados é a iminência de um possível aborto, o que depois de analisado, refletido e conversado com as pacientes acaba se esvaindo”.

“Após o nascimento do bebê as adolescentes têm um acompanhamento tanto com a parte clínica do PSF, quanto com a área de psicologia. Durante alguns meses, no período de puerpério, as jovens são orientadas, atendidas e aconselhadas em relação aos cuidados com bebê, a mudança da rotina, as noções mínimas de responsabilidades. Esse atendimento é feito quinzenalmente e pode ser no PSF ou na casa das adolescentes, por meio de uma visita domiciliar com outros profissionais. Em casos extremos, essa visita pode ser feita semanalmente. Esse processo dura em torno de 3 meses, quando a adolescente adquire maior propriedade e autonomia na função de mãe”.

Questionada sobre a articulação de poderes públicos em benefício das adolescentes grávidas, a psicóloga esclareceu que:

“existem programas que interligam as áreas de saúde e assistência social na prefeitura municipal de Raul Soares. Esse trabalho é feito a fim de que as medidas tomadas por um setor sejam agilizadas pelos outros seguintes aos quais os pacientes necessitam. Dessa forma, primeiro a adolescente recebe o atendimento pré-natal no PSF, em seguida, caso haja a necessidade é encaminhada para a área de psicologia, e se necessário para a psiquiatria ou terapia ocupacional. Além disso, em casos de vulnerabilidade social, a adolescente é encaminhada à Assistência Social, a fim de que possa receber auxílios e atendimentos durante e após a gravidez”.

Heilborn *et al.*, (2002) destaca que a gravidez não pode ser considerada como um problema, nem para as famílias e tão pouco para os pais do bebê. Embora a gravidez quando ocorre na adolescência pode vir a influenciar a vida dos adolescentes em relação aos estudos e profissão, essa não pode ser tratada como uma punição aos adolescentes. Segundo o autor é uma etapa na vida do jovem que

ele deve passar de forma que se mantenham saudáveis tanto os pais quanto a criança.

5. CONCLUSÃO

Com o apoio e colaboração da Psicóloga responsável foi possível através das observações realizadas verificar que o município e o setor de psicologia prestam um atendimento na tentativa de acolher essas jovens, dando a elas a oportunidade de uma informação humanizada, aconselhamento adequado e reflexão de forma direcionada, uma vez que as jovens não possuem maturidade e amadurecimento em relação aos conflitos que vivem.

A gravidez na adolescência, embora aconteça em menor escala nos dias atuais, ainda é uma realidade. Essa realidade quase sempre acomete jovens de classe baixa, com uma família disfuncional e que passam por dificuldades e conflitos dos quais as adolescentes não tem aparato emocional e psicológico para lidar.

As políticas públicas direcionadas a essas causas têm trazido benefícios incontáveis, uma vez que procuram direcionar recursos e serviços em favor de jovens em situações de risco, tanto para as adolescentes, quanto para os bebês. Necessitamos que governantes, secretarias, órgãos competentes trabalhem em conjunto, visitando escolas para tentar tratar esses assuntos com os jovens, esses que nem sempre tem em casa o diálogo necessário para uma informação realista e esclarecedora.

Nessa perspectiva é possível compreender que a gravidez é sim um fator inerente ao ser humano, no entanto, quando ocorrente durante a adolescência, algumas cautelas são necessárias como: acompanhamento da equipe médica, diagnóstico da necessidade de um acompanhamento psicológico e/ou encaminhamento para setores de assistência social.

O atendimento psicológico feito nos PSF I e PSF II muito contribuem para o acompanhamento das grávidas. A forma com que são acolhidas, direcionadas e tratadas gera uma sensação de apoio e aconselhamento que acabam resultando em uma genuína reflexão dos fatos, permitindo as futuras mães maior sucesso durante e pós o período de gravidez.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. & SILVA, L. B. (2004) **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil.

BALLONE, G. L. Gravidez na adolescência. In: **PsiquWeb**. 2003. Disponível em: <http://gballone.sites.uol.com.br/infantil/adolesc3.html>. Acesso em: 13 out. 2019.

BARROS, M. N. dos S. Saúde sexual e reprodutiva. In: CONTINI, Maria de Lourdes J.; KOLLER, Sílvia Helena (Org.). **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

BECHKER, H. A. Observação por informantes em pesquisa institucional. **Qualidade quantidade**. v. 6, p. 157-169, 1972.

CHALEM, E; MITSUHIRO, S.S; FERRI, C, P; BARROS, M.C.M; GUINSBURG, R; LARANJEIRA, R. **Gravidez na adolescência: perfil sócio demográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil**. Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo, 2006.

DADORIAN, D. (1998). A gravidez desejada na adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 50, 3, 60-70.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Ed.Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1931). **Sexualidade Feminina**. Ed.Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

HEILBORN, M. L.; SALEM, T.; ROHDEN, F.; BRANDÃO, E.; KNAUTH, D.; VÍCTORA, C.; AQUINO, E.; MCCALLUM, C.; BOZON, M. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, v.8, n.17, p.13 - 45, 2002.

JUDITH, B. **Como realizar um projeto de investigação**, Lisboa: Gradiva, 2010.

LARROSA, J. Dar palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In. LARROSA, J.; SKLIAR, C (Org.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOPES, G. & MAIA, M. (2001). **Conversando Com o Adolescente Sobre Sexo Quem Vai Responder?** Belo Horizonte: Autêntica/Fumec.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEDINA, C. A. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1986.

MENEZES, I. C. B. B. de. **A gravidez e o projeto de vida: uma análise das adolescentes grávidas das camadas populares.** Tese de doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

MOSER, C. A., e KALTON, G. **Métodos de Pesquisa em Investigação Social.** 2ª Ed., Londres: Heinemann, 1971.

OLIVEIRA, R. C. **Adolescência, gravidez e maternidade: a percepção de si e a relação com o trabalho.** Universidade Federal de São Paulo, 2008.

TABORDA, J. A; SILVA, F. C; ULBRICHT, L e NEVES, E. B. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando as diferenças socioeconômicas entre elas. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, 2014.

TJORA, A. H. Escrever pequenas descobertas: uma exploração de novas observações de observadores. **Pesquisa qualitativa**, London, v. 6, n. 4, p. 429-451, 2006.